



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 11, Nº 1, 2026 P. 38-51
ISSN: 2448-2390

O grau zero das humanidades: uma análise sobre a possível cientificidade das ciências humanas

The zero degree of the humanities: an analysis of the possible scientificity of the humanities

DOI: 10.20873/rpvn10v2-53

Maria dos Milagres da Cruz Lopes

E-mail: millacruzlopes@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3935-2321>

Natália Aparecida Morato Fernandes

E-mail: natalia.fernandes@uftm.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6526-2066>

Resumo

O que se pretende tratar no escopo deste artigo é uma reflexão breve sobre a crise das ciências humanas até a chamada morte das humanidades na obra *O grau zero do conhecimento* (1991), de Ivan Domingues. Para tanto, partimos do pressuposto do que o filósofo levanta sobre a questão das ciências humanas ou grau zero do saber. Primeiramente, partiremos sobre o problema da fundamentação das ciências humanas, em que trataremos da passagem da Idade Média (teocentrismo) para o início da Idade Moderna (antropocentrismo), onde se dá a passagem da natureza enquanto obra da criação para a compreensão da natureza como objeto de controle do ser humano. Daí, seguiremos dialogando com Edmund Husserl (1859-1938) sobre a questão da cientificidade das ciências humanas e, depois, com Michel Foucault (1926-1984), a questão do seu objeto dessas ciências. Por último, com Ivan Domingues, investigaremos a possibilidade ou a falta do fundamento para as humanidades, que ele caracteriza como grau zero do conhecimento. A saber, o círculo chamado de serpente de Valéry que engole a própria cauda e a questão: essa é a condição das ciências humanas? Sabemos que Domingues não se contenta com a conclusão que chegara em *O grau zero do conhecimento* (resposta negativa), mas continua sua reflexão em outras obras sobre o fundamento das ciências humanas, sua legitimidade e sua cientificidade.

Palavras-chave

Educação. Ciências. Humanidades.

Abstract

The aim of this article is to briefly reflect on the crisis of the human sciences and the so-called death of the humanities in Ivan Domingues. *The Zero Degree of Knowledge* (1991). To do this, we start from the assumption that the philosopher raises the question of the human sciences or the zero degree of knowledge. Firstly, we will start with the problem of the foundation of the human sciences, in which we will deal with the passage from the Middle Ages (theocentrism) to the beginning of the Modern Age (anthropocentrism), where the passage from nature as a work of creation to the understanding of nature as an object of human control takes place and we will continue by dialoguing with Edmund Husserl on the question of the scientificity of the human sciences and, later, with Michel Foucault (1926-1984), the question of the object of these sciences. Finally, with Ivan Domingues, we will investigate the possibility or lack of a foundation for the humanities, which he characterizes as the zero degree of knowledge. Namely, Valéry's serpent circle that swallows its own tail and the question: is this the condition of the human sciences? We know that Domingues is not content with the conclusion he reached in *The Zero Degree of Knowledge* (negative answer), but continues his reflection in other works on the foundation of the human sciences, their legitimacy and their scientificity.

Keywords

Education. Sciences. Humanities.

1. Introdução

O arcabouço que trazemos como necessário para nossa reflexão se centra sobre o problema da fundamentação das ciências humanas, análise que Ivan Domingues¹, se propõe ao longo da sua obra *O grau zero do conhecimento* (1991), tese de doutorado defendida em 1998, na Universidade de Paris I (*Panthéon-Sorbone*), nesta o autor versa sobre a questão do conhecimento em várias categorias epistemológicas, que vão desde a idade das ciências humanas, passando pela Antiguidade Clássica, até a Idade Média e a Modernidade. Ele divide a obra em três partes, com a estrutura em três estratégias discursivas: a estratégia essencialista no século XVII, a fenomenista no século XVIII e a historicista no século XIX que se estenderam ao longo da modernidade, como base para o autor trabalhar os paradigmas e os modelos das ciências humanas no século XX.

¹ Ivan Domingues, nascido em Pedro Leopoldo (MG) 1950, estudou filosofia na UFMG (graduação e mestrado), doutorou-se na Sorbonne (Paris) em 1976, iniciou sua docência na Universidade Católica de Minas Gerais e, em 1978, passou para o Departamento de Filosofia da UFMG, onde se aposentou em 2021. Atuou nas áreas de teoria do conhecimento, epistemologia das ciências humanas, filosofia da tecnologia e em áreas da filosofia contemporânea; coordenou grandes projetos como a criação do doutorado em Filosofia da UFMG (1992), a área de filosofia da CAPES (1995-1997), a criação do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT / UFMG, 1999), integrou o Comitê de Assessoramento de Filosofia do CNPq (2004-2007), atuou na organização da ANPOF. Publicou obras nas áreas de teoria do conhecimento, biotecnologia, ética, história da filosofia, vida intelectual e filosofia no Brasil, das quais nos interessa, *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das Ciências Humanas* (1991), *Epistemologia das Ciências Humanas: positivismo e hermenêutica* (2004), *Lévi-Strauss e as Américas: análise estrutural dos mitos* (2012) e *Foucault, a Arqueologia e As palavras e as coisas: cinquenta anos depois* (2023).

Neste artigo, a preocupação central é evidenciar as três estratégias discursivas como um todo, reflexão que se estende ao longo da obra, *O grau zero do conhecimento*. Para apresentar esta análise, o texto encontra-se organizado em três partes, sendo que a primeira parte destacaremos a questão da crise das ciências humanas até a morte da humanidade, com os principais interlocutores. A segunda parte consideramos Edmund Husserl na tentativa de transformar o modelo das ciências humanas em algo similar ao método das ciências da natureza, e também Michel Foucault que defende que o homem não é passível de ciência. Por último, a questão fundamental do filósofo Ivan Domingues: há as ciências humanas ou grau zero do saber? Nesse sentido, a nossa questão não se encerra com *O grau zero do conhecimento*, no qual a principal preocupação de Domingues é buscar uma fundamentação das ciências humanas. Ele chega à conclusão de que, nesse percurso, elas alcançaram o grau zero do conhecimento, pelo fato de a passagem do teocentrismo ao antropocentrismo não ter significado um ganho de fundamentação do conhecimento. Ao contrário, chegou-se à conclusão da deslegitimação do saber.

Como não se trata da última obra do autor sobre o tema (bom lembrar que ele retoma esse debate em *Epistemologia das ciências humanas: positivismo e hermenêutica* de 2004, *Lévi-Strauss e as Américas: análise estrutural dos mitos*, de 2012 e *Foucault, a Arqueologia e As palavras e as coisas: cinquenta anos depois* de 2023 em busca de encontrar um fundamento para as ciências humanas) e como a resposta aqui é negativa, a nossa intenção é retomar a discussão em outros artigos, pois não se encerra a busca pelo fundamento das ciências humanas, de sua legitimidade e de sua cientificidade como fizera Domingues de modo crítico, no sentido de mostrar sua preocupação nessa reflexão.

2. Da crise das ciências humanas à morte da humanidade

O debate sobre as ciências humanas e o lugar que elas ocupam vem de longo tempo. Por um lado, ele remonta às origens da modernidade, a partir da segunda meditação da obra *Meditações sobre filosofia primeira* (1641), do filósofo francês René Descartes (1596-650) ao dizer que a única ciência válida não é a ciência dos sentidos, isto é, o conhecimento captado

pelos sentidos, pois estes enganam, e nem a ciência da teologia, porque não dá para saber quem é Deus, mas apenas uma ciência que nos ensina a pensar que dois mais três é igual a cinco. Isso ele afirma na segunda meditação ao defender que a única ciência verdadeira seria aquela do método empírico-matemático como base do conhecimento. Séculos depois, o mesmo debate foi retomado das *Meditações cartesianas*, as chamadas meditações metafísicas de Edmund Husserl, que ao entrar em contato com as meditações metafísicas de Descartes observa que há uma grande diferença entre ciências ditas da natureza e as ciências do espírito. Com isso, Husserl vai tentar resolver esse problema nas suas últimas obras, sobretudo n'*A crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica* (1936), e o resultado dessa reflexão o filósofo mostra da seguinte forma.

Husserl começa fazendo a distinção entre as ciências da natureza, sendo que estas só teriam uma autonomia aparente, enquanto as ciências do espírito são absolutamente autônomas, pois têm a compreensão de si mesmas e, conseqüentemente, a compreensão do mundo como obra do espírito. Desse modo, o espírito não é espírito na natureza, mas a própria natureza que entra na esfera do espírito (HUSSERL, 2008, p. 85-86). Para Husserl, a crise das ciências europeias se dá realmente no ato de romper com o modelo das ciências da natureza em relação ao modelo das ciências humanas. Por isso, pergunta-se: quais são estes dois modelos? O modelo defendido por Francis Bacon (1561-1626), das ciências da natureza ressalta o domínio humano sobre a natureza, preconizado desde a sua obra, o *Novo Organum* (1620, livro I, aforismos III a XIII, quando ele fala que a natureza não se vence, senão quando se lhe obedece e que, em última instância, somente a vencemos, dominando-a, pois essa é a verdadeira causa e raiz de todos os males que afetam as ciências enquanto admiramos de modo falso os poderes da mente humana. Logo, as ciências, de que ora dispomos, são inúteis para a invenção de novas obras, do mesmo modo, a nossa lógica atual é inútil para o incremento das ciências (BACON, 2003, p. 7-9).

A consequência é uma ciência que submete a natureza ao poder do ser humano, donde resultam as ciências da natureza como o grande modelo das ciências experimentais que controlam os corpos, a natureza e o estado. Doutro lado, Husserl diz que as ciências humanas

partem do princípio de advogar a sua autonomia ao admitir um novo método, que estas ciências tinham que copiar e internalizar, a saber, o modelo das ciências da natureza para se tornarem ciências duras, isto é, tornarem-se ciências experimentais. Nessa tentativa, Husserl questiona que não se deve querer retomar a ilusão de que a ciência torna o humano sábio, e que esta é chamada a criar uma humanidade autêntica, senhora de seu destino, pois quem ainda levaria a sérios tais pensamentos hoje? (HUSSERL, 2008, p. 76.). O resultado disso é a universalização dos métodos quantitativos como modelos pautados em compreensão da realidade e, na direção contrária, estaria a antropologia, a sociologia e a filosofia que não chegaram a implementar de fato o método das ciências da natureza. Então, com Husserl temos uma tentativa de transformar o modelo das ciências humanas. Para ele, o contraponto é dado por uma definição de ciência matemática da natureza como uma técnica maravilhosa para efetuar induções, logo é a precisão e facilidade de cálculo que governa o saber e também o processo de criação e o espírito humano (HUSSERL, 2008, p. 83). Eis o resultado dessa reflexão conforme defende Husserl:

A ratio de que agora se trata não é senão a compreensão realmente universal e realmente radical de si do espírito, na forma de uma ciência universal responsável, na qual se instaura um modo completamente novo de cientificidade, na qual tem lugar todas as questões do ser, as questões da norma, assim como as questões do que se designa como existência (HUSSERL, 2008, p. 87).

O resultado seria a universalização do método empírico-matemático sendo preciso que as ciências humanas e sociais seguissem esse mesmo padrão. A cientificidade delas seria alcançada à medida que deixassem de ser o que são e adotassem um método alheio. Por outro lado, o filósofo francês Michel Foucault na sua obra, *As palavras e as coisas* (1966, cap. 9 e 10), traz uma resposta inversa, ao reconhecer que não havia possibilidade das ciências humanas se tornarem ciência, pois o problema estava no próprio ser humano. Se Husserl recorreu a Francis Bacon, Michel Foucault recorre a Friedrich Nietzsche (1844-1900), quando este, no aforismo 125 da *Gaia Ciência* (1882) afirma a tese de que Deus está morto e, por consequência, o ser humano está morto. Com isso, Foucault não pretende transformar a filosofia em ciência, mas ele diz que as ciências humanas e as ciências sociais estão mortas, porque Deus também

morreu, conseqüentemente, o fundamento epistêmico está abalado. Vejamos como Foucault formulou este diagnóstico em relação à antropologia:

A todos os que pretendem ainda falar do homem, de seu reino ou de sua liberação, a todos os que formulam ainda questões sobre o que é o homem em sua essência, a todos os que pretendem partir dele para ter acesso à verdade, a todos os que, em contrapartida, reconduzem todo conhecimento às verdades do próprio homem, a todos os que não querem formalizar sem antropologizar, que não querem mitologizar sem desmistificar, que não querem pensar sem imediatamente pensar que é o homem quem pensa, a todas essas formas de reflexão canhestras e distorcidas. (FOUCAULT, 2000, p. 366).

Se com Husserl, a tentativa era de transformar o modelo das ciências humanas, atribuindo-lhes um método similar ao das ciências da natureza, com Foucault a resposta é bem diversa. Ele admite que o humano não é passível de ciência, pois seria ao mesmo tempo seu sujeito, seu objeto e o fundamento último desse próprio conhecimento. A saída do autor é admitir então que a antropologia é uma empreitada fadada ao fracasso, porque seu objeto está morto. Nesse sentido a formalização antropológica levada adiante pelo estruturalismo, a análise dos mitos empreendidas em modelos como os de Lévi-Strauss (1908-2009), de G. Dumézil (1898-1986) e a desmitologização empreendidas pelas ciências humanas na primeira metade do século XX, sobretudo com Rudolf Bultmann (1884-1976), simplesmente fracassaram. O resultado não poderia ser pior, as ciências humanas tais como a antropologia estão mortas.

Ora, vimos que em Husserl a única saída para salvar o estatuto da cientificidade das ciências humanas e sociais seria equipará-las às ciências naturais, mas isso não se efetivou, como todos nós sabemos. O resultado foi a crescente perda de credibilidades das ciências humanas e sociais, o que repercutiu na perda de investimento e no descrédito que as assolam. Segundo Foucault, desde o século XIX, estava em curso um verdadeiro processo de destruição de ciências humanas, isso não tardaria a repercutir definitivamente dentro da filosofia e o resultado já sabemos: Deus morreu, e o ser humano também, e a consequência foi a morte das ciências humanas e sociais:

Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do

pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia (FOUCAULT, 2000, p. 366).

Qual é o problema? O primeiro é o do método, o segundo, o do objeto. Tanto para Husserl, o método das ciências ditas humanas não sustentava as ciências, quanto para Foucault, o objeto não sustenta as ciências. Chegamos a uma encruzilhada de ponto zero, onde, para um, perde o método, para o outro, perde o objeto. Como buscar soluções para este impasse? Como encontrar um caminho para as ciências humanas? Um dos exemplos encontra-se em Ivan Domingues, quando ele retorna à vontade de potência de Nietzsche, quando ele retoma ao mundo da vida de Wilhelm Dilthey (1833-1911), quando ele retorna ao modelo econômico de Karl Marx (1818-1883). É isso que veremos a seguir.

Façamos um balanço. Nós temos duas tentativas de saída para o problema: ou transformar a filosofia em ciência dura, com método empírico e experimental, que é a pretensão de Husserl, ou, como defende Foucault, admitir que o ser humano está morto e abandonar, portanto, a filosofia. Nesse caso, nem Husserl e nem Foucault, esse seria o lugar, em que, segundo Ivan Domingues, precisa se pensar qual é o estatuto da filosofia propriamente dito dentro das ciências humanas.

3. As ciências humanas ou grau zero do saber?

Ivan Domingues ao fazer a passagem da Idade Média para a Moderna, chega ao seguinte resultado, explícito nessa constatação: “ao perder a alteridade em Deus, o homem vai enraizar-se na história e nela descobrir a origem absoluta do seu ser” (DOMINGUES, 1991, p. 358.). Aqui acontece a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, em termos de conhecimento significa a queda da teologia como ciência sagrada em benefício das ciências laicas, por exemplo, a antropologia, a economia, a biologia natural, a navegação, etc. O outro aspecto dessa mudança é a passagem da natureza enquanto obra da criação para a compreensão da natureza como objeto de controle do ser humano. No fundo, o resultado será a reificação da natureza e do próprio ser humano:

A divisa da antropologia do homem-máquina era; se não podemos situar o homem na natureza (afinal, ele era dotado de um princípio interior de afirmação de seu ser: a alma), façamos então o inverso – incluamos a natureza no homem e procuremos no seu interior os mecanismos que regulam se ser (a natureza humana) (DOMINGUES, 1991, p. 39-40).

Nesse sentido, há que se observar o que faz a antropologia é a divisa do homem-máquina, por um lado, ela diz que se não se pode situar o humano na natureza, sendo este dotado de um princípio interior, a alma, por outro, é possível fazer o inverso, incluir a natureza no humano e, com isto, procurar no seu interior os mecanismos que possam regular a sua natureza. A consequência dessa visão do ser humano da ciência e do mundo se dá na construção do homem-máquina como modelo mecanicista, isto é, a técnica sobre a vida, a redução do humano a objeto: “é neste contexto que aparece Dilthey e propõe, com o objetivo de preservar a especificidade das ciências humanas, a divisão das ciências em dois grupos: de um lado, as ciências da natureza; de outro, as ciências hermenêuticas ou históricas” (DOMINGUES, 1991, p. 41). Fatura cujo resultado foi igual a zero nas mãos de Husserl.

Vemos aqui, a intenção de Domingues ao analisar o problema da fundamentação das ciências humanas em três diferentes estratégias discursivas que foram se edificando ao longo da modernidade, na tentativa de reconstituir o ser humano, a saber:

[...] a estratégia essencialista (séc. XVII), a fenomenista (séc. XVIII) e a histórica (séc. XIX). A nossa intenção é mostrar: 1) como aparece a ideia de uma fundamentação absoluta do conhecimento no campo das humanidades; 2) como desaparece ela, na passagem da modernidade aos nossos dias (DOMINGUES, 1991, p. 44-45).

Reconhece-se que as três estratégias são diferentes em suas motivações epistemológicas, mas comungam do mesmo ideal especulativo. Por isso, Domingues tem a preocupação de mostrar, ao longo do percurso da modernidade como aparece a ideia de uma fundamentação de forma absoluta do processo do conhecimento dentro do campo das humanidades e, ao mesmo tempo, como desaparece essa busca pela fundamentação na passagem da idade moderna à contemporaneidade.

Para Domingues, a primeira estratégia denominada de essencialista desenvolvida desde a antiguidade clássica tem “a necessidade de encontrar uma região mais firme e estável do ser”

(DOMINGUES, 1991, p. 365). O filósofo critica nessa estratégia a dificuldade de definir o ser, por duas razões: a primeira pelo fato do ser das coisas se dar somente através do que aparece, por isso seria necessário salvar somente o que há de verdadeiro nas aparências para que o espírito amparasse o manifesto dando a conhecer a essência através dele e, a segunda, é afirmar que o ser das coisas não se dá na imediatez do que aparece, e o espírito deve ir além do que é manifesto e se refugiar nas profundezas das puras essências. Ora, para vencer essas dificuldades, Domingues diz que é necessário ao espírito buscar os meios no interior de si mesmo separando as diferentes regiões do ser (DOMINGUES, 1991, p. 365-366).

A segunda estratégia é a fenomenista, que ancora e configura um novo programa de fundação do conhecimento. Nela, “se estende o paradigma newtoniano à biologia e à sociedade – vimo-lo –, há o sacrifício do aparelho matemático do modelo em favor de seu componente empírico, dando origem a um ideal de conhecimento descritivista” (DOMINGUES, 1991, p. 372.). Só seria conhecido o que estaria descrito aos olhos do observador participante ou não do jogo do conhecimento. Conhecer seria descrever a realidade apresentada ao observador.

Por fim, na terceira estratégia é a perspectiva histórica no seu interior que se dá o sentido da fundação do conhecimento e a sua própria ruína, que recebe na sua tradição histórica a erudição das ciências no século XIX. Por um lado, a primeira exigência de uma nova metafísica se efetiva via uma “onto-historio-logia” (Marx, Dilthey, Nietzsche e Heidegger), por outro lado, a segunda exigência corresponde a “um novo *Organum* e uma nova canônica do conhecimento em seu exercício inesgotável de reconstrução racional do devir: a dialética e a contradição (Hegel e Marx), a hermenêutica e a intuição simpática do vivido (Dilthey), a generosidade e a metáfora (Nietzsche)” (DOMINGUES, 1991, p. 375.). A terceira estratégia ainda acredita na fundamentação de um conhecimento em formato científico, ou melhor, ainda busca entre a ontologia e a história uma base científica. Para Domingues,

[...] não é no século XIX que vamos ver cumprir-se essa nova antropologia. A ela faltava uma nova ontologia, e a queda do ser no tempo só serviu para nos mostrar sua urgência. Kant não podia prestar-nos socorro, pois não possuía um espírito histórico e devedor nos de uma crítica da razão histórica; Hegel também não, pois a história para ele é a instalação da eternidade no tempo; sequer Marx, Nietzsche e Dilthey, pois a *práxis*, a vontade de potência e o vivido, embora se propunham como princípio do devir, se

furtam às determinações do tempo (o retorno em Nietzsche, a suspensão do devir em Marx, o *a priori* histórico ou o vivido em Dilthey) (DOMINGUES, 1991, p. 285).

Todas essas tentativas teriam fracassado. Nem Kant nem Hegel fundamentaram uma razão histórica. Nem Marx nem Nietzsche superaram o abismo das ciências na modernidade. Nessa perspectiva, “a ideia de fundação do conhecimento é tão antiga quanto a humanidade, e ela aparece no momento em que as certezas da *dóxa* se esvaem e as verdades do mito não se revelam mais capazes de impor suas evidências aos homens” (DOMINGUES, 1991, p.363).. Segundo Domingues, não se sabe ao certo por qual razão o processo do programa das três estratégias não chegou ao seu objetivo cabal, mas à sua ruína. Sabe-se que no início da modernidade, tendo como exemplo as ciências naturais em diferentes campos das ciências humanas, se “procurava um fundamento sólido para a construção do edifício do conhecimento” (DOMINGUES, 1991, p. 364), porém, nesse processo de construção “as ciências humanas acabaram por perder seu fundamento quando se descobrem [...] mais dependentes do sujeito” (DOMINGUES, 1991, p. 364). No século XIX, sobretudo na estratégia historicista, vemos a desconstrução da metafísica e da ontologia que provoca a crise das humanidades reduzindo-as às múltiplas faces. Com isso, uma nova antropologia do indivíduo histórico é pressuposta e vemos surgir as mais diversas tensões no âmbito do ser humano e da história.

Ainda que sempre tenha em vista o primeiro, é o segundo movimento que interessa à filosofia do conhecimento: pertencendo o ato de fundar à ordem da descoberta, onde a verdade se instala *sub judice*, é a sua fundamentação (dar razão) que a instala de direito e como tal pertence à sua ordem da sua justificação. Eis a tarefa da teoria do conhecimento desde a antiguidade clássica, e é a ela que se refere a serpente de Valéry (DOMINGUES, 1991, p. 364).

Destarte, muito ligado ao primeiro movimento, a ideia de conhecimento perdeu o realismo epistêmico baseado na ideia de Tomás de Aquino (1225-1274), quanto ao seu fundamento transcendente em Deus. A tarefa da modernidade (segundo movimento) é encontrar, por um lado, uma ciência capaz de pensar a centralidade do ser humano e, por outro, descobrir uma justificativa para explicar como o próprio ser humano será, ao mesmo tempo, sujeito e objeto dessa ciência. O resultado da tentativa moderna é conhecido: com Husserl não se encontrou um método que justificasse a cientificidade das ciências humanas e, com Foucault,

descobriu-se que o problema era ainda maior. Com a morte de Deus anunciada por Nietzsche, morreu também o ser humano, por isso Foucault anuncia o silêncio e o apagamento do rosto humano como um rosto de areia. Sem um conceito firme de cientificidade nem a possibilidade do ser humano assumir-se como sujeito e objeto de si mesmo, a crise das ciências humanas parece irreversível. Sem método e nem objeto, nada resta esperar delas. A resposta de Ivan Domingues nesse ponto é negativa, pois falta o fundamento para as humanidades, com isso “a serpente de Valéry tinha engolido a própria cauda, e assim chegava-se ao fim do ciclo da teoria do conhecimento” (DOMINGUES, 1991, p. 379). O resultado não poderia ser mais traumático para as pretensões científicas na segunda metade do século XX e no início do XXI. Assim, as ciências humanas tentam se justificar como ciências sendo o sujeito que estuda a si mesmo como objeto, caracterizando assim um círculo que se fecha sobre si mesmo, a chamada serpente de Valéry.

Com isso, emerge uma crítica contra as ciências humanas que perde a sua legitimidade social diante dos passos dados na busca de uma “fundação do conhecimento” que contribuiu, em última instância, para o reconhecimento da perda do fundamento das ciências humanas no desenrolar da sua história. Daí, resulta a quase ausência de verbas para os projetos que as envolvem. Diante dessa realidade, vemos o que está em jogo é se haverá futuro para as ciências humanas, seja no espaço do ensino, seja em relação a estudantes interessados em cursá-las, seja no financiamento para suas pesquisas. Eis a questão que merece ser pensada, sua cientificidade e sua legitimidade.

Considerações finais

Com base na presente exposição, o foco da nossa reflexão debruçou-se sobre a crise das ciências humanas até a chamada morte da humanidade e a perda do fundamento das ciências humanas, no percurso da passagem da Idade Média para o início da Idade Moderna, evidenciando as estratégias discursivas (essencialista, fenomenista e histórica), conforme proposto por Ivan Domingues na obra *O grau zero do conhecimento*. Nelas marcando as fases importantes das ciências humanas nos últimos séculos.

Vimos com Ivan Domingues dois padrões que refletiram o problema das ciências humanas: o primeiro com Husserl, que queria transformar a filosofia em ciência dura através do método empírico-experimental, pois dizia que o método das ciências humanas não sustentava as ciências, e defendia a ideia de salvar o estatuto das científicas com única saída equiparando-as às ciências naturais. Porém, Domingues reconhece que não foi possível, o resultado foi a perda de credibilidade das ciências humanas e sociais, logo caíram no descrédito. O segundo problema foi posto por Foucault ao afirmar a ideia do objeto que não sustenta as ciências, daí, admitiu que o ser humano está morto e deve-se abandonar a filosofia. A consequência disso, a morte das ciências humanas e sociais. Para Domingues, nem Husserl e nem Foucault resolveram o problema da fundamentação das ciências humanas, é necessário pensar o estatuto da filosofia dentro das ciências humanas.

De toda maneira, vimos que Domingues buscou soluções ancoradas em três filósofos para sair desse impasse, quando ele retornou à vontade de potência de Nietzsche e ao anúncio da morte de Deus e do ser humano; ao mundo da vida de Dilthey, que propôs preservar a especificidade das ciências humanas; como também o modelo econômico de Marx, como tentativa de pensar as relações humanas em bases epistêmicas.

Por fim, Domingues reconheceu que o resultado é traumático para as pretensões científicas da segunda metade do século XX ao início do século XXI, pelo fato das ciências humanas naufragarem na tentativa de se fundamentarem como ciências, uma vez que o sujeito que estuda é o próprio objeto estudado. Nesse sentido, caracteriza-se a chamada serpente de Valéry que morde a própria cauda e termina bebendo do seu próprio veneno. As ciências humanas e sociais na busca de seu fundamento e princípio chegam ao fim do seu percurso “sem qualquer fundamento” da sua própria teoria, com isso eis o grau zero do conhecimento. Se as humanidades não são reconhecidas como científicas, o que esperar das ditas ciências humanas? Qual seria seu estatuto de legitimidade social? Eis uma questão a ser enfrentada pelas ciências humanas: qual é o objeto do seu conhecimento para além do próprio sujeito? Essa é a questão que continuaremos a pesquisar nas obras do autor em relação as ciências humanas no século XX que mostra seu rigor crítico ao pensar a questão fundamental de “paradigmas e modelos das

ciências humanas na contemporaneidade” (DOMINGUES, 2004, p. 16). Nesse sentido, é necessário a continuidade dessa discussão diante dos desafios das ciências humanas e sociais quanto sua legitimidade e sua cientificidade.

Referências

- BACON, Francis. *Novum Organum*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. Digitação pelo grupo Acrópolis: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Pará de Minas: Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda. 2003, p. 7-9. Acesso em 17/6/2024.
- DOMINGUES, Ivan. *O Grau zero do conhecimento*. O problema da fundamentação das ciências humanas. São Paulo: Loyola, 1999.
- DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das ciências humanas*. Positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber. São Paulo: Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins fontes, 2000 (Coleção tópicos).
- HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução. e tradução. Urbano Zilles. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008 (Coleção Filosofia; 41).

Recebido em: 11-02-2026

Aprovado em: 08-06-2026

Maria dos Milagres da Cruz Lopes

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e bacharelado em Teologia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), Pós-Graduação lato-sensu pela Faculdade Padre João Bagozzi. Mestrado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Professora de Filosofia no Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA). Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM. Membro do Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Processos Formativos: estudo de programas e projetos (CNPq) e Membro do Grupo de Pesquisa *Studia Brasiliensia* (CNPq).

Natália Aparecida Morato Fernandes

Possui graduação em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado em Sociologia e doutorado em Sociologia, ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora associada (nível IV) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Fundamentos e Práticas Educacionais. Tem experiência na área

de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Educação e Sociologia da Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas educacionais, formação de professores e ensino médio.